

O USO DE DICIONÁRIOS BILÍNGÜES POR
ALUNOS DE FRANCÊS INSTRUMENTAL

SANDRA DIAS LOGUERCIO*
sandra.loguercio@yahoo.com.br

*Mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Doutoranda no Institut de Linguistique et Phonétique Générales et Appliquées
Université Sorbonne Nouvelle — Paris 3

O USO DE DICIONÁRIOS BILÍNGÜES POR ALUNOS DE FRANCÊS INSTRUMENTAL

RESUMO

Com intuito de levantar alguns dados a respeito da relação dos alunos de Francês Instrumental com o dicionário bilingüe (DB) e também a respeito da funcionalidade das obras citadas, aplicamos um questionário às turmas de Instrumental I e II da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Esse questionário é composto de três partes: na primeira, busca-se contextualizar a situação do aluno em relação ao estudo de francês e em relação ao DB utilizado; na segunda, busca-se avaliar a funcionalidade do dicionário por meio da interpretação de pequenos textos com questões diversas sobre léxico, formas sintagmáticas, procedimentos de retomada anafórica, etc., que poderiam ser foco de dúvida ou incompreensão por parte dos alunos; e, por fim, solicitamos como conclusão um posicionamento a respeito da tarefa solicitada e do DB consultado. Os resultados deste estudo apontam sobretudo para lacunas entre a produção lexicográfica e as reais necessidades do aluno de língua instrumental.

PALAVRAS-CHAVES

Dicionário bilingüe; lexicografia bilingüe; ensino instrumental de francês

ABSTRACT

Aiming to find out how students of French for Reading Knowledge dealt with bilingual dictionaries (BD), as well as assess BD functionality, level I and II students of these courses were required to answer a questionnaire. The assessment tool consisted of three parts: the first contextualized the student's point of view towards learning French and the BD used; the second intended to assess whether or not the dictionary was functional, through the interpretation of small texts and questions about lexicon, syntagms, anaphoric procedures, among others, which could be a problem to students; the third asked for an opinion towards the required task and the BD used. Results showed there were gaps between lexicographic dictionaries and students' real needs.

KEY WORDS

Bilingual dictionary, bilingual lexicography, French for Reading Knowledge

1. Introdução

Este estudo é motivado pela experiência docente com estudantes universitários de Francês Instrumental que, entre outras reflexões, fez suscitar alguns questionamentos acerca do uso de dicionários em sala de aula, tais como: deve-se permitir que alunos de língua instrumental recorram a dicionários em sala

de aula? Nesse caso, qual é o tipo de obra mais indicada? Um monolíngüe? Um monolíngüe para aprendizes? Um bilingüe?

Se abordamos somente o uso de dicionários bilingües (DBs), em detrimento do monolíngüe, é, em primeiro lugar, porque esse é o tipo de dicionário largamente mais usado por esses alunos – mesmo que, muitas vezes, sejam incentivados a não usá-lo – e, em segundo lugar, porque passamos a defender seu uso na aprendizagem e na atividade de leitura de modo geral¹. No entanto, cabe investigar o que os DBs oferecem aos estudantes, o que é pertinente para alunos de Instrumental, que têm um interesse bastante específico quanto à aprendizagem do idioma², e o que pode ser melhorado.

Considerando que estamos falando, antes de tudo, de uma obra didática, construída social e culturalmente, e cujo “texto” pode ser visto como um *ato de fala*, conforme nos indica Lara (1996, p. 167), ou seja, como um ato de pergunta e resposta acerca da língua, ou como diz ainda Rey-Debove, “*un ouvrage de consultation qui permet d'aller du connu à l'inconnu, qui propose une réponse à une demande particulière d'information*” (1971, apud ALVAR EZQUERRA, 1981, p. 176), neste caso específico que nos propomos analisar, o DB parece responder – ainda que não de maneira ideal – às necessidades desse público em questão.

É, pois, a partir desses pressupostos que propomos estudar o DB utilizado por estudantes universitários brasileiros de língua francesa instrumental, enfocando particularmente a função de tradução para a língua materna.

2. Procedimentos metodológicos

Para a realização deste estudo foi distribuído um questionário para trinta alunos da UFRGS – 20 para duas turmas de Instrumental I e 10 em uma turma de Instrumental II – dos quais vinte deram retorno, 13 do I e 7 apenas do II.

O questionário é dividido em três partes: na primeira parte, busca-se traçar o perfil desses estudantes quanto à experiência com ensino de línguas estrangeiras, com ensino de francês particularmente, além de questões sobre sua relação com o dicionário de francês; na segunda parte, aplica-se um teste por meio de textos autênticos e questões de compreensão específicas sobre vocábulos, sintagmas, verbos, entre outras, a fim de verificar em que situação recorrem ao DB

1 Embora em número ainda reduzido, conforme nos indica Welker (2006, p. 237), há pesquisas realizadas no Brasil sobre o efeito do uso de dicionário, das quais destacamos a de Coura Sobrinho (2000), que teve como sujeitos alunos de francês e segundo a qual “usar dicionário bilingüe durante a leitura, tem efeito positivo na performance dos leitores” (cit. em WELKER, 2006, p. 231).

2 A disciplina de Francês Instrumental a qual nos referimos visa a desenvolver a competência de compreensão escrita do idioma, não enfocando uma área específica de conhecimento, mas uma abordagem elementar.

3 “uma obra de consulta que permite ir do conhecido ao desconhecido, que propõe uma resposta a uma demanda particular de informação” (tradução nossa).

mencionado e as respostas que obtém por meio dessa obra⁴. A apresentação dos resultados dessa parte é intercalada com comentários sobre verbetes dos dois DBs mais citados, a fim de verificar se somente através deles se poderia chegar às respostas esperadas e também se os alunos os manuseavam de forma correta. A terceira parte, por fim, solicita um posicionamento crítico do participante a respeito do DB utilizado.

O questionário foi construído dessa forma a fim de podermos cruzar informações, tais como: a experiência do aluno em ensino de língua estrangeira e o uso que fazem de obras dicionarísticas, ou seja, as estratégias que utilizam para resolver dificuldades de leitura; o que dizem a respeito do DB e as respostas que de fato conseguem obter através de sua consulta; as traduções fornecidas ou não pelos participantes e o que encontramos realmente nas obras.

3. Resultados

3.1 Primeira parte do questionário: perfil dos estudantes

Na primeira parte, duas constatações podem ser feitas: primeira, os estudantes que vêm ao Instrumental têm sua primeira experiência com o ensino de língua francesa nessa disciplina (mais especificamente 80% dos participantes) e, segunda, 40% daqueles que estudam ou estudaram outros idiomas optaram primeiro pelo inglês, 20% pelo espanhol, e os que citaram o alemão, o italiano, o japonês ou mesmo o espanhol estudaram também inglês. Podemos dizer, assim, que o Francês Instrumental é a "porta de entrada" para muitos universitários no estudo de língua francesa, diferentemente do que ocorre com outros idiomas.

Em relação aos DBs, todos responderam que costumam usá-los, e os dicionários mais citados⁵, por ordem de frequência, são: *Michaëlis* (foram citados tanto o minidicionário quanto o dicionário escolar das edições de 1993, 1998, 2002 e 2003), seguido do *Larousse* (mini) e do *Burrin-Vinholes*⁶.

Assim o questionário revela que os alunos, de fato, usam o dicionário mencionado – 70% afirmaram utilizá-lo "sempre" e 30%, "algumas vezes". No nível II, 85% dos estudantes afirmaram utilizar "sempre" a obra, ao passo que, no Instrumental I, 61% deram tal resposta. Se, por um lado, podemos deduzir que o aluno iniciante no estudo de francês conta mais com sua intuição, dispensando com mais frequência o dicionário, por outro, podemos pensar que o aluno mais experiente já incorporou o

4 Foi explicado aos alunos que poderiam recorrer ou não ao DB ou à outra fonte de consulta, devendo fazê-lo conforme sua necessidade e as estratégias que costumam usar para solucionar possíveis problemas de compreensão.

5 Embora tenha sido solicitada ao participante a bibliografia da obra, poucos foram aqueles que de fato a informaram de maneira completa.

6 Foram citados apenas uma única vez: Minidicionário (D'Olim Marote), Pequeno dicionário (Schmidt & Delamare), Minidicionário (Rideli), Dicionário prático (Monteiro & Oliveira), Dicionário Escolar (Corrêa & Steinberg), Dicionário brasileiro (Rena Stiener), Dicionário da Editora Porto, Dicionário do MEC.

dicionário como um instrumento indispensável à leitura.

A respeito do que costumam buscar no dicionário, observamos que 95% dos estudantes afirmaram procurar o significado das palavras e 65% buscaram uma confirmação de significado, o que nos mostra que o uso do dicionário em práticas de leitura está relacionado sobretudo à função de significação ou de tradução. Apenas 35% dos alunos mencionaram a ampliação do vocabulário como objetivo. Nesse aspecto, o que chama mais atenção, no entanto, é que alunos do nível II revelam explorar sobremaneira a obra de que dispõem, não se limitando apenas à busca do significado das palavras, o que vem ao encontro igualmente da frequência com que admitem usá-la em comparação aos do nível I. Há, pois, ao que tudo indica, uma maior exploração do dicionário conforme o aumento de experiência e conhecimento em relação ao idioma.

A grande maioria afirma encontrar o que deseja no dicionário, havendo apenas um único participante que discorda dos demais. Esse aluno referiu-se ao minidicionário *Michaëlis*.

Finalmente, quanto ao uso de outras fontes de consulta, constatamos que são poucos os estudantes que recorrem, por exemplo, ao dicionário monolíngüe de francês, apenas 35%, em sua maioria da turma de Instrumental II, assim também como são raros aqueles alunos que acessam dicionários *on-line* (somente 25%). Nesse quesito, novamente os alunos do nível II mostram maior dinamidade, o que pode ser traduzido, por sua vez, por uma maior autonomia em relação ao professor e/ou ao colega.

3.2 Segunda parte do questionário: teste de leitura

Neste item apresentamos tanto os textos – onde os itens lexicais sobre os quais foram feitas perguntas estão destacados – quanto quadros dos Instrumentais I e II, respectivamente, onde constam, à esquerda, as perguntas, e, à direita, as respostas dos alunos. Por razões de espaço e para maior clareza, são mostradas somente as respostas prototípicas, não todas as respostas individuais, acompanhadas do número de alunos que as forneceram.

Texto 1

«*Bouquiniste ! Vous savez, ces curieux marchands de livres et de souvenirs, qui ouvrent leurs boîtes à livres posées sur les parapets des quais de la Seine... Ils font rêver les touristes du monde entier et les parisiens aussi d'ailleurs.*»

Trata-se de um texto definitório, que está no presente e dirige-se diretamente ao interlocutor em segunda pessoa plural, ou seja, composto por elementos com os quais os alunos começam a lidar desde o início do Instrumental I.

Quadro 1 – Respostas obtidas do Texto 1

Instrumental I

	"vendedor de livros e souvenirs"	"dono de sebo"	"local de venda de livros"	Outros	Não respondeu
1. O que significa <i>bouquiniste</i> ?	3	4	2	4	-
2. Explique o sentido da expressão <i>d'aillieurs</i> no texto.	6	"de outros lugares"	Não respondeu		
3. Foi usado o DB?	Sim	Não	Também		
	11	-	2		

Instrumental II

	"quem compra e vende livros usados"	"vendedor de livros usados"	Não respondeu
1. O que significa <i>bouquiniste</i> ?	2	3	2
2. Explique o sentido da expressão <i>d'aillieurs</i> no texto.	6	"de outros lugares"	Não respondeu
3. Foi usado o DB?	Sim	Não	Também
	6	-	1

A primeira questão, evidenciada pelo próprio texto, que define justamente o significado da palavra solicitada (*bouquiniste*), surpreende, sobretudo, por revelar a relação de alguns dos participantes com o objeto textual. Muitos alunos parecem ir diretamente ao dicionário antes mesmo da tentativa de qualquer suposição por meio dos elementos do texto; isso ocorre especialmente no Instrumental I: das respostas obtidas, somando-se a terceira ("local") e a quarta ("outros") alternativas, quase a metade, isto é, 46%, não chega a relacionar o substantivo à "pessoa", muito provavelmente por essa palavra não constar no dicionário, mas sim àquela da qual esta se origina, *bouquin* (nome coloquial para *livro*). As demais são satisfatórias, sendo que de 7 respostas positivas, 3 dão conta exatamente das informações contidas no próprio texto e 4 são bastante próximas do que provavelmente seja dado pelo dicionário ("dono de sebo"). Já no Instrumental II não há muitas variações e se percebe claramente um melhor domínio da morfologia do idioma (nenhum aluno, por exemplo, relaciona a palavra *bouquiniste*

a "lugar"); no entanto, parecem restringir-se à informação obtida do dicionário, mencionando apenas a venda de livros.

Na segunda questão, a diferença entre os níveis é igualmente marcante: os participantes do nível I que responderam à pergunta sobre a locução adverbial *d'aillieurs* dividem-se em duas opções bem distintas, quais sejam, "aliás" e "de outros lugares"; ao passo que os do nível II, com exceção de um único aluno, optaram pela forma mais adequada, "aliás". Quase metade dos informantes do nível I, portanto, leu *d'aillieurs* como a soma da preposição *d'* (de) e do advérbio *aillieurs* (em outro lugar), traduzindo por "de outros lugares" e interpretando, conseqüentemente, que não somente os turistas vêm do mundo inteiro, como também os parisienses vêm de outros lugares, ao passo que o autor diz "os turistas [...] e, aliás, os parisienses também".

Uma vez que a grande maioria dos participantes – 85% – afirma ter consultado somente o DB para responder às perguntas, cabe indagar sobre a eficiência das obras consultadas. Como, do total das fichas, apenas 3 alunos não responderam uma ou outra questão, podemos supor que a maioria das obras traz essas informações. Se tomarmos como modelo as duas obras mais citadas, quais sejam, o dicionário escolar *Michaëlis* (2002) e o dicionário *Larousse* mini (2005)⁷, encontramos, resumidamente, o seguinte: quanto à palavra *bouquiniste*, esta consta apenas no *Larousse*, como "alfarrabista" (palavra desconhecida de alguns alunos, conforme observações nas fichas), sendo que o *Michaëlis* faz menção a *bouquin*, como "livro"; quanto à segunda questão, que pergunta sobre *d'aillieurs*, encontramos em ambas as obras uma tradução para o advérbio *aillieurs* ("em outro lugar") e em seguida, dentro do mesmo verbete, destacado em negrito, a tradução para a locução *d'aillieurs* ("aliás"). Embora bem diferenciadas no verbete, nenhum dos dicionários traz exemplos para cada um dos casos, o que provavelmente teria ajudado a escolher a equivalência adequada em um momento de dúvida.

Texto 2

"*Depuis des décennies, la pollution de l'air parisien défraye la chronique. A chaque pic d'ozone, des alertes sont données, les jeunes enfants et les personnes âgées sont priés de rester chez eux. Mais voilà, l'air parisien ne serait pas plus pollué qu'il y a un siècle, au temps de la seconde révolution industrielle. C'est en tout cas, ce que révèle une étude britannique, publiée dans la revue Atmospheric Environment du mois de décembre.*"

7 A partir daqui mencionadas apenas, respectivamente, como *Michaëlis* e *Larousse*.

8 Nessa frase, interessava-nos particularmente ver a maneira como os alunos leriam a expressão *défrayer la chronique*, em que o verbo *défrayer*, "pagar os custos, dar conta da despesa", combina-se com *chronique*, aqui no sentido de "notícias", resultando em algo como "alimentar a notícia" (sentido mais vinculado à origem da expressão, conforme *Le Robert, dictionnaire des expressions et locutions*), "ser notícia".

Quadro 2 – Respostas obtidas do texto 2

Instrumental I					
	"...a poluição do ar de Paris é matéria de notícia"	"...a poluição do ar de Paris tornou-se crônica"	"...a poluição do ar de Paris deflagra a doença"	Outros	Não respondeu
1. Explique o sentido da frase sublinhada. ⁸	2	7	2	1	1
2. Ao que se refere a combinação <i>chez eux</i> ?	"em suas casas (das crianças e idosos)"	"suas casas"	"refere-se a <i>les enfants et les personnes âgées</i> "	Outros	Não respondeu
3. Explique o sentido de <i>voilà</i> .	5	5	1	2	-
4. Foi usado o DB?	"eis que" (introduzindo uma nova ideia)	"eis"	"entretanto"	Outros	Não respondeu
	6	2	1	3	1
	Sim	Não	Também		
	10	-	3		

Instrumental II					
	"...a poluição do ar parisiense ainda é assunto de crônicas"	"...a poluição do ar parisiense ultrapassa a crônica [o estado crônico]"			
1. Explique o sentido da frase sublinhada.	2	1	4	Não respondeu	
2. Ao que se refere a combinação	"casa deles"	Outros	Não respondeu		
	2	4	1		

3. Explique o sentido de <i>voilà</i> .	"... vejam! (como isso não é um dado novo)"	"no entanto"	Ou tros	Não respondeu
	1	1	3	2
4. Foi usado o DB?	Sim	Não	Também	
	5	-	2	

Nesse segundo texto, mais complexo que o primeiro, percebe-se uma grande dificuldade – como já era esperado – com a expressão *défrayer la chronique*, demonstrando que de fato expressões idiomáticas, não deduzidas do significado de cada palavra, constituem um dos maiores desafios no ensino Instrumental e no ensino de língua estrangeira de modo geral [esse tipo de dificuldade é enfrentado inclusive por alunos de tradução, com uma experiência muito maior no estudo da língua]. O que significa dizer que é um dos aspectos que poderia ser levado mais em conta pelos DBs. Somente 20% dos participantes chegaram à leitura apropriada, os demais ou não responderam (principalmente os representantes do nível II) ou fizeram uma leitura completamente equivocada. Os alunos do Instrumental I que traduziram "tornou-se crônica" deduziram a resposta da palavra *chronique*, transparente para falantes de português, mas não se deram conta de que, nesse caso, não poderia ser um adjetivo; apenas dois alunos perceberam que *chronique* é um substantivo no texto, mas também não fizeram a leitura correta, traduzindo *chronique* por "doença". Já no Instrumental II, mais da metade dos participantes revela ter mais resistência em "chutar", abstenendo-se da resposta.

Dos dicionários mencionados anteriormente, apenas o *Larousse* oferece – dentro do verbo *défrayer* – a tradução dessa expressão, a saber, "ser notícia". Esse dado nos leva a questionar, por sua vez, o uso efetivo que os alunos que mencionaram tal dicionário fizeram da obra.

A segunda questão referia-se a uma combinação de palavras [*chez eux*], no caso uma preposição e um pronome (chamado *pronom tonique* em francês, que, em muitas situações, funciona como o pronome oblíquo tônico em português), que retoma o sujeito da oração "*les jeunes enfants et les personnes âgées sont prêts de rester...*". Trata-se de uma construção inexistente em português, já que temos embutido na preposição *chez*, nesse contexto, a ideia de "casa"⁹ [tanto no sentido mais literal quanto no sentido amplo de terra, espaço geográfico em que se habita], que vem, por sua vez, seguida do pronome pessoal relativo à terceira pessoa plural *eux*. A única possibilidade de resposta apropriada nesse caso é "a casa deles, das crianças e das pessoas de idade"¹⁰. Ora, sendo assim, essas são informações fundamentais em um DB para esse tipo de leitor, uma vez que dificilmente o sentido de tal construção pode ser deduzido.

⁹ Há outras possibilidades, como ambiente de trabalho (*chez le dentiste*), obra de um autor (*chez Proust*) ou referente a uma espécie (*chez les abeilles*, por exemplo, única situação em que *chez* não vem acompanhado de um pronome ou substantivo relativo à categoria "pessoa").

¹⁰ Evidentemente não se trata aqui de uma tradução, uma vez que estamos pensando na resposta à questão "Ao que se refere a combinação, *chez eux*?"

das vezes, tal como "eis que", "veja bem", entre outras, foi fornecida por 7 dos 20 alunos entrevistados, sendo que, destes, 6 são do nível I, ou seja, praticamente metade dos alunos do Instrumental I chegaram à resposta almejada.

Como se trata de um articulador discursivo, é preciso dar conta das idéias que o antecedem e que o sucedem para compreendê-lo perfeitamente, o que parece não ocorrer. Para alguns alunos, vale frisar, o articulador discursivo é uma categoria dispensável para a compreensão do texto, como constatamos inúmeras vezes em sala de aula, nem sempre sendo alvo de perguntas e, consequentemente, de consulta ao dicionário. Ao mesmo tempo, porém, percebe-se como esse é um ponto ainda delicado na leitura e compreensão de textos.

Nossos dicionários fornecem os seguintes verbetes para *voilà*:

<i>Michaëlis</i>	voilà <i>prép.</i> isso, por isso, é por isso. me voilà aqui estou! voilà! Eis, aqui está! voilà pourquoi é por esta razão, eis porque, é por isso que. A palavra voilà designa uma pessoa ou uma coisa mais particularmente quando ela se encontra distante de quem fala. Entretanto é mais empregada do que voici e é utilizada em todos os casos. Na língua oral [...]
<i>Larousse</i>	voilà <i>prép.</i> voilà ce qui s'est passé eis o que aconteceu ; voilà Pierre aqui está o Pierre.

Conforme o que lemos nas propostas acima, realmente não encontramos subsídios nas obras para explicar a ocorrência de *voilà* no texto. Assim, 5 alunos mencionaram terem consultado "também" o bilíngüe, isto é, tiveram de recorrer a outros materiais além do DB. Mas o que ocorre afinal com esses verbetes?

O dicionário *Michaëlis*, apesar de apresentar um verbete extenso em se tratando de uma obra bilíngüe, não consegue dar conta do uso de *voilà* no contexto proposto, entre outras razões, por privilegiar o emprego da palavra mais próximo do registro oral, como constatamos nos exemplos dados - *me voilà!* e *voilà!* - e na nota explicativa que oferece abaixo das acepções. Além disso, não há exemplos de uso de *voilà* (sem ponto de exclamação), de modo que alguns alunos escolheram as traduções dadas ("isso", "por isso", etc.), que, no texto, não fazem o menor sentido.

No *Larousse*, o verbete é bem mais curto, restringindo-se ao uso mais recorrente da palavra. Há apenas dois exemplos - que são traduzidos - e nenhum dos dois ajuda a compreender o sentido de *voilà* no texto.

As respostas surpreendem nessa questão por vermos um melhor desempenho dos participantes do Instrumental I, o que demonstra nesse caso, de modo mais evidente, que mesmo leitores mais experientes têm problemas com o anisomorfismo linguístico. Apenas 25% (todos do nível I) forneceram a resposta adequada e completa, qual seja, "em sua casa (das crianças e idosos)", sem deixar dúvida sobre sua compreensão; 35% forneceram a resposta correta, mas não explicitaram a informação ("suas casas"); um dos alunos recuperou perfeitamente a relação do pronome anafórico *eux* no contexto, mas não incluiu a preposição, respondendo "refere-se a *les enfants et les personnes âgées*"; 30% forneceram respostas inadequadas. Desse resultado, podemos pensar que 60% (25% + 35%) dos participantes foram ao dicionário para responder tal questão, ao passo que os demais tentaram solucioná-la por meio do que conseguiram aprender do texto (talvez pelo fato de se tratar de uma combinação feita de preposição e pronome, categorias gramaticais geralmente reconhecidas pelos alunos).

Nos dicionários analisados, encontramos exatamente as seguintes informações em *chez*, palavra-chave para a resposta:

<i>Michaëlis</i>	chez <i>prép.</i> 1 em. 2 na casa de. elle est chez le coiffeur ela está no cabeleireiro. il est allé chez le médecin ele foi ao (consultório do) médico. je suis chez moi estou em casa. Veja nota em Y.
<i>Larousse</i>	chez <i>prép.</i> em casa de; [dans le caractère de] em; chez moi em minha casa; aller chez le dentiste ir ao dentista.

Por meio de ambas as apresentações do verbete, pode-se chegar à interpretação de *chez eux* no texto, embora a solução dada pelo *Larousse* pareça mais clara e adequada ao público-alvo. Este último oferece como primeira alternativa aquela mais recorrente que é "em casa de", além de trazer menos informações do que o *Michaëlis*, facilitando o acesso do usuário à informação de que o verbo *chez* pode ser usado com o pronome adverbial *y* que necessita. A remissão feita pelo *Michaëlis* ao verbete do pronome adverbial *y* - o qual alguns alunos podem ficar tentados a conferir - não se revela útil, uma vez que esses consultantes não buscaram uma compreensão mais aprofundada do idioma e o significado de *chez* não tem relação direta com esse pronome.

Ao contrário dos verbetes consultados na leitura do primeiro texto, neste caso os dois dicionários trazem exemplos após as traduções, o que auxilia o consultante na escolha da equivalência apropriada.

A terceira questão, acerca da palavra *voilà*, com um nível de exigência bastante alto¹¹, revela novamente uma melhor compreensão por parte dos estudantes do nível I. A resposta mais adequada expressa em forma de tradução, na maioria

11 *Voilà* é uma expressão de uso diverso e seu sentido varia conforme sua posição na frase. No caso do texto "Mais...", funciona como uma palavra que reforça o novo ponto, etc.

Texto 3

"Santé, caractère, intelligence... L'ADN n'explique pas tout. On a longtemps cru que la génétique expliquait tout. De récentes découvertes prouvent le contraire. Echappant à son hérité, chacun de nous est donc un être singulier. En se préparant à établir la première carte de notre ADN, l'Américain Craig Venter croyait devenir le maître du monde. Mais il a surtout découvert que nous avons beaucoup moins de gènes que prévu: 26 à 38 000 seulement et non 150 000 comme on l'enseignait dans tout bon cours de science. Une abondance qui autorisait d'aucuns à rendre notre patrimoine héréditaire responsable de tout, de l'obésité à l'intelligence en passant par l'instinct maternel et l'homosexualité."

Quadro 3 – Respostas obtidas do texto 3

Instrumental I

1. Complete esta frase: "Durante muito tempo, ... tudo."	"acreditou-se que a genética explicava"	"acreditei que a genética explicava"	"a genética explicava"	"a genética cruamente explicava"	"quando mapeou o nosso DNA"	
					Outros	Não respondeu
8	1	3	1			
2. Quando C. Venter pensou que se tornaria o dono do mundo?	"ao se preparar para estabelecer o primeiro mapa do nosso DNA"					
	12		1			
3. Por que isso não aconteceu?	"porque ele descobriu que temos muito menos genes que o previsto"					
	9		3			1
4. Qual o sentido de d'aucuns no texto?	"alguns"	"ninguém"	"nenhum"	"algum, qualquer"		
	4	5	2	1	1	

5. Foi usado o DB?	Sim	não	também
7	1	5	

Instrumental II¹²

1. Complete esta frase: "Durante muito tempo, ... tudo."	"acreditou-se que a genética explicava"	
	6	
2. Quando C. Venter pensou que se tornaria o dono do mundo?	"quando se preparava para estabelecer o primeiro mapa do nosso DNA"	
	5	"quando conseguiu mapear o ADN"
3. Por que isso não aconteceu?	"porque descobriu que temos menos genes do que previu"	
	2	Outros ¹³
4. Qual o sentido de d'aucuns no texto?	"ninguém"	
	1	1
5. Foi usado o DB?	sim	
	3	Não
		1
		2
		Não respondeu
		4
		também
		2

¹² As questões referentes ao terceiro texto não foram respondidas por um dos participantes do nível II, por isso o número total nesta tabela é de somente 6 alunos, diferentemente das duas primeiras.

¹³ As respostas que constam "outros" no quadro correspondem àquelas que, embora tenham chegado à informação adequada, omitiram a parte que diz que "il a surtout découvert", em que temos novamente um *Passeé Composé*.

Nesse último texto, a intenção é explorar especialmente a leitura das formas verbais nas três primeiras questões: na primeira e na terceira, um dos obstáculos é o *Passé Composé* e, na segunda, o uso do *Gérondif*. De maneira geral, como revela o quadro de respostas, os participantes responderam adequadamente; em compensação, o número de estudantes que diz ter feito uso de outro material para o preenchimento das questões também aumentou: ao todo, 35% dos alunos marcaram "também" para o uso do DB (no texto anterior, essa opção chegou a 25%), assim como, pela primeira vez no questionário, encontramos 2 participantes que dizem não ter feito uso do DB. Esses dados são importantes porque contextualizam de certa forma a situação em foco: em geral, os tempos verbais são bem trabalhados em sala de aula e são disponibilizados materiais específicos aos alunos, pela natureza do conteúdo, mas também a fim de suprir uma deficiência já observada em muitos DBs de francês/português.

Na primeira questão, em que eles deveriam completar a tradução proposta para a frase sublinhada do texto, qual seja, "*On a longtemps cru que la génétique expliquait tout*", nosso interesse se limitava em verificar a solução que dariam para *on a cru* (cuja dificuldade está em identificar o particípio do verbo *croire*, resultando em "acreditou-se" ou "acreditamos"), com atenção especial ao verbo e não ao pronome indefinido *on* (outro ponto que poderia ter sido explorado). Conforme a tabela, constatamos que os participantes do nível II são unânimes na resposta, demonstrando um bom domínio do *Passé Composé*; em relação aos do nível I, por sua vez, embora a maioria tenha preenchido convenientemente (61%), alguns ainda não dominam bem essa estrutura. Com exceção da segunda resposta ("acreditei que a genética..."), em que encontramos um problema relativo ao pronome e não propriamente ao verbo, as demais respostas optam pela omissão do trecho *on a cru* e um dos alunos interpreta a frase de maneira inesperada, traduzindo-a por "a genética cruamente explicava", com base provavelmente em um DB.

Ora, se procuramos pela palavra *cru* nos dicionários, encontramos:

Michaëlis	cru <i>adj</i> <i>cru</i> .
Larousse	cru , e pp ► croire . <i>adj</i> <i>cru</i> (crua). <i>nm</i> [vin] colheita <i>f</i> .

O primeiro apresenta como única possibilidade para *cru* o adjetivo, ou seja, não oferece a resposta que o consultante busca nesse caso. Esta só é encontrada no segundo, que, de maneira bastante sucinta (uma vez que usa o artifício da remissão para o verbo de infinitivo *croire*), oferece as informações necessárias para se chegar à leitura apropriada, indicando as diferentes categorias gramaticais (*pp* para *Participe Passé*, que é a informação que interessava aos alunos aqui) e sua tradução, além da marca de gênero.

Se consultados outros dicionários, veremos que a grande maioria não traz

realmente a possibilidade verbal para a palavra *cru*, particípio passado de um verbo irregular. Aliás, sabe-se que os dicionários tradicionais não costumam apresentar como palavras-entrada formas flexionadas (cf. CARVALHO, 2001, p. 72ss; WELKER, 2005, p. 91, que menciona como exemplos *fiz* e *houve*), mas, nos casos em que já existe um verbo de uma palavra de forma idêntica, como no caso de *cru*, a existência de uma forma irregular de um verbo deveria ser assinalada. Salientamos ainda que, para o público que nos interessa aqui, essas seriam informações fundamentais em um DB.

Se pularmos para a terceira questão, em que os alunos deveriam compreender a frase "*Mais il a surtout découvert que nous avons beaucoup moins de gènes que prévu...*", onde nos deparamos novamente com um verbo no *Passé Composé* [*il a découvert*, que significa "ele descobriu"], veremos que os alunos encaixados em "outros" no quadro evitam essa estrutura, nesse caso, conseguindo mesmo assim chegar à compreensão do texto, com respostas como: "ao contrário do que se sabia, o número de genes era menor..."; "por que ele pensava que nós tínhamos 150.000 genes e viu-se depois que era entre 26 a 38.000" [resposta apoiada sobretudo nos dados numéricos do texto], entre outras. Evidentemente, tal questão revela que não é necessário, como sabemos, compreender todas as formas e palavras do texto para chegar a uma compreensão mínima de seu conteúdo. Mas esse argumento não invalida de modo algum a constatação de que, em geral, os dicionários não suprem necessidades relativas às formas verbais para esse público. A palavra a ser consultada para se chegar à leitura correta da frase era *découvert* [*Participe Passé de découvrir*], resposta só encontrada no *Larousse*, que recorre à remissão.

Na segunda questão, vemos que a grande maioria dos alunos de ambas as turmas não teve problemas na leitura, respondendo-a adequadamente. Nosso interesse nesse caso era verificar a interpretação de "*En se préparant à établir la première carte...*", em que a frase começa por um *Gérondif*, aqui indicando circunstância, situação compreendida pelos participantes conforme demonstra o quadro ("ao se preparar...", "quando se preparava..."). As duas respostas diferentes omitem essa nuance do texto, não demonstrando uma leitura adequada justamente nessa estrutura.

De que modo os dicionários podem ajudar nesse caso? Vejamos o que encontramos nos dicionários no verbete *en*, partícula formadora do *Gérondif*⁴.

Michaëlis	en [...] Essa partícula também é usada para se construir o gerúndio em francês: <i>elle est arrivée en courant</i> / ela chegou correndo. [...]
Larousse	en [...] 7. [devant un participe présent]: en arrivant à Paris ao chegar a Paris; partir en courant partir a correr; ne parle pas en mangeant! não se fala quando se come! [...]

14 Devido ao tamanho do verbete, não o apresentaremos por inteiro.

A informação é encontrada em ambos os dicionários consultados, como vemos, dentro do verbete esperado. A grande dificuldade nesse caso, em contrapartida, é fazer com que o aluno leia o verbete até chegar à informação necessária, uma vez que ela se encontrará inevitavelmente depois de muitas outras. Percebemos que o Larousse contempla diferentes funções da forma verbal, sendo mais rico nesse sentido que o *Michaëlis*, e tem a vantagem de trazer as diferentes informações sempre numeradas, o que facilita bastante a consulta.

Na seqüência de nosso quadro de respostas, vemos que a quarta questão é um pouco mais problemática, e novamente os participantes do Instrumental II preferem, em sua maioria, deixá-la em branco. *D'aucuns* é uma locução composta pela preposição *d'* (de) e o pronome indefinido *aucuns*, significando "alguns", "algumas pessoas". Como geralmente a palavra *aucun* aparece no singular e em frases negativas, tal como, *aucun n'est venu* (ninguém veio), *je ne vois aucun élève dans la salle* (não vejo nenhum aluno na sala), a primeira associação com a palavra é essa. No quadro vemos que 45% dos participantes fizeram uma dessas opções, mesmo que, no contexto em que a expressão aparece, tais leituras não façam sentido; e somente 20% chegaram à resposta adequada.

A consulta aos dicionários aqui analisados revela, novamente, que locuções não costumam ser privilegiadas nos verbetes de DBs de pequeno formato. No *Michaëlis*, temos como opção de equivalência apenas "nenhum"; no *Larousse*, igualmente não encontramos essa locução, embora ele contemple outras, tais como, *sans aucun doute*, *aucune idée*, *aucun des deux*, etc. Desse modo, os quatro alunos que chegaram à resposta fizeram uso, muito provavelmente, de outras fontes (lembrando que desses alunos, 5 marcaram "também" quanto ao uso do DB).

Um dos principais problemas enfrentados pelos estudantes na leitura de textos em francês, portanto, parece ser a combinação sintagmática cristalizada de palavras, como observamos na interpretação de *d'aillieurs* (locução adverbial) no primeiro texto, de *défrayer la chronique* (expressão idiomática), no segundo, e de *d'aucuns* (locução pronominal), no terceiro. Locuções e expressões são difíceis na aprendizagem da língua estrangeira por não poderem ser deduzidas do significado de cada palavra - hábito natural em qualquer principiante em língua estrangeira, verificável facilmente no ensino instrumental que lida com a compreensão escrita da língua - e tornam-se ainda mais complicadas para esse público quando, como podemos verificar em algumas situações, não constam nos DBs. Vale salientar que, não raro, algumas palavras aparecem, inclusive, de modo mais recorrente na locução que ajudam a formar do que isoladamente, como ocorre, por exemplo, com *défrayer la chronique* e a palavra *aillieurs*, que vem em geral combinada com preposições, tais como *par aillieurs* ou *d'aillieurs*, sendo, desse modo, imprescindíveis nos DBs.

Ressaltaríamos também como situação problemática para os alunos de modo geral a identificação de algumas formas verbais irregulares, como o particípio passado dos verbos em francês que compõe mais de um tempo verbal. No terceiro texto, constatamos que os alunos necessitam de material de consulta para a leitura do *Passé Composé*, por exemplo, e que, para esta, outras fontes são buscadas, uma vez que os bilíngües parecem não suprir tal necessidade (dos DBs analisados, apenas o Larousse trazia a informação no verbete). Em relação ao tratamento dos verbos, parece haver sobretudo uma inadequação, considerando

esse público específico, na forma como são apresentados. Com exceção do Larousse¹⁵, os verbos vêm conjugados em Apêndice, o que pode ser bastante útil para um outro tipo de público, mas não para alunos de Instrumental.

Por fim, gostaríamos de chamar a atenção para o tratamento dos "articuladores discursivos", conforme foi exemplificado no segundo texto pelo advérbio *voilà*. Como vimos, são muitos os alunos que apresentam dificuldade em interpretar-lo e, mesmo que nesse caso esteja implicada uma provável dificuldade de "leitura" e não apenas relativa ao idioma, os DBs parecem não trazer a solução mais adequada, limitando-se ao padrão apresentado de outras categorias de palavras, qual seja, uma tradução da palavra, um exemplo na língua estrangeira e sua tradução. Talvez no caso dos articuladores uma explicação de sua função (ou funções) fosse mais adequada.

A partir das questões elaboradas no teste e do levantamento das informações obtidas nos dois DBs comentados, podemos observar em que situações esses dicionários poderiam ter ajudado os participantes a chegar às respostas esperadas ou não. O quadro a seguir mostra, à esquerda, a palavra ou estrutura alvo da questão, e, nas duas colunas à direita, é observado se os DBs trazem a informação buscada e são feitas possíveis ressalvas:

Quadro 4 - Síntese das respostas encontradas nos DBs

Questões	<i>Michaëlis</i>	<i>Larousse</i>
<i>bouquiniste</i>	-	Sim Ressalva: traz como equivalente a palavra "alfarrabista", desconhecida de muitos alunos.
<i>d'aillieurs</i>	Sim Ressalva: falta de exemplos.	Sim Ressalva: falta de exemplos.
<i>défrayer la chronique</i>	-	Sim
<i>chez</i>	Sim Ressalva: exemplos que se sobrepõem; remissão ao pronome <i>y</i> , desnecessária a esse público.	Sim Ressalva: uso de diferenciador semântico na língua estrangeira ("dans le caractère de").
<i>voilà</i>	-	-
<i>on a été</i>	-	Sim
<i>il a découvert</i>	-	Sim
<i>en se préparant</i>	Sim Ressalva: informação fornecida por meio de nota, não evidente.	Sim Ressalva: diferenciador semântico na língua estrangeira ("devant un participant présent").
<i>d'aucuns</i>	-	-

15 Além de *crû* e *découvert*, encontramos no Larousse entrada para as seguintes formas verbais flexionadas: *a* (terceira pessoa singular do Presente do Indicativo do verbo *avoir*), *été* (particípio do verbo *être*, "ser, estar"), *suis* (primeira pessoa singular do Presente do Indicativo do verbo *avoir*), *pu* e *voulu* (particípio do verbo *devoir*, "poder", "dever", "querer", respectivamente), entre outras.

Ainda que não possamos fazer generalizações com base somente nos verbetes analisados, algumas constatações podem ser feitas. Primeira, a maioria das respostas poderia ser encontrada no *Larousse*, que abrange, em termos de macroestrutura, uma seleção maior que o *Michaëlis*, sobretudo por fornecer entradas para palavras flexionadas (como o particípio de verbos irregulares)¹⁶. Segunda, as ressalvas mostram, em contrapartida, que há problemas referentes à microestrutura em ambos os dicionários: o *Larousse* apresenta cada nova acepção introduzida por um diferenciador semântico, o que se revela bastante prático se este viesse formulado na língua materna do usuário, mas não na língua estrangeira (para alunos de Instrumental, isso muitas vezes acaba sendo mais um obstáculo)¹⁷, além da falta de exemplos em um dos casos e o uso de uma palavra rara como equivalente em português; o *Michaëlis*, por sua vez, apresenta problemas em relação aos exemplos, ou por sua falta ou pelo fato de apresentar exemplos que se sobrepõem em termos de ilustração para o consultante, além de o recurso a notas não ser padronizado, o que dificulta a leitura por parte do consultante (no verbe da palavra *en*, encontramos na nota informações relativas à função da palavra como adjunto adverbial, depois como partícula que constitui o gerúndio em francês, além de uma remissão ao pronome *y*). Quanto à palavra *voilà*, embora seja contemplada pelos dois DBs, não é possível chegar a uma leitura correta dessa palavra no contexto em que aparece no questionário, uma vez que os verbetes não fornecem informações suficientes. A expressão *d'aucuns*, por fim, não consta nas obras consultadas.

3.3 Terceira parte do questionário: opinião dos alunos

Para finalizar a leitura do questionário, que solicitava aos participantes “*De modo geral, as informações buscadas no dicionário bilingüe foram encontradas? Estavam onde você pensava encontrá-las?*”, além de pedir uma descrição do percurso feito para solucionar as dificuldades, temos os seguintes resultados: 50% dos participantes confiavam em seu instrumento de consulta e afirmam obter dele um bom aproveitamento, sendo que destes alguns ainda fazem pequenas ressalvas; 25% dos alunos demonstram uma visão mais crítica acerca do dicionário consultado e chamam atenção, sobretudo, para a problemática das expressões e locuções; e, finalmente, 15% foram categóricos em relação ao baixo desempenho do dicionário para responder às questões, alegando sua pouca utilidade para a interpretação dos textos.

16 Conforme informações contidas nas obras (na capa e no texto de apresentação), o *Larousse* apresenta mais de 40 mil verbetes, enquanto o *Michaëlis*, mais de 28 mil verbetes.

17 A problemática dos diferenciadores semânticos é tratada em Carvalho (2001, p. 121ss.), onde são denominados “elementos discriminadores”, e em Welker (2005, p. 205ss.), onde são chamados de “elementos diferenciadores”.

Essa pergunta mais subjetiva, uma vez que solicita a avaliação dos participantes de seu dicionário, deve ser relativizada: primeiro, porque os alunos não têm a confirmação das respostas, ou seja, não sabem se estão corretas ou não, e muitas, como vimos na leitura dos textos, estão equivocadas (muito embora a maioria das palavras procuradas seja encontrada nos dicionários¹⁸); segundo, porque nem sempre os alunos são rigorosos com as respostas e as informações solicitadas, afirmando fazer uso do dicionário e, ao mesmo tempo, do material fornecido em aula ou consultar o colega ou mesmo o professor. Se repararmos nas respostas obtidas na primeira parte do questionário, veremos que muitas delas não estão plenamente de acordo com os dados obtidos na segunda parte, em que quase todos os alunos afirmam encontrar, em geral, a informação buscada, e principalmente a respeito do perfil obtido dos estudantes do Instrumental II (muitos dizem consultar outros materiais, mas parecem não recorrer a esses instrumentos para responder ao questionário, sendo pouco colaborativos nesse sentido).

O mais importante, porém, a ser destacado aqui é que muitos comentários vêm ao encontro do que foi mencionado anteriormente como principais pontos de dificuldade para os leitores e a respeito dos quais os DBs pouco contribuem. Quatro grandes problemáticas enfrentadas por esses estudantes são as formas sintagmáticas – locuções e expressões idiomáticas –, as preposições, as retomadas por pronomes anafóricos – isto é, os dêiticos de maneira geral – e a artuculação argumentativa, ou seja, questões relacionadas, de alguma forma, muito mais com o nível textual do que propriamente com o vocabulário.

Com exceção, evidentemente, das formas cristalizadas, que, por funcionarem como unidades de sentido, podem ser explicadas por meio de uma tradução (bastando, portanto, que os DBs passem a incluí-las com mais frequência), os demais casos, do modo como são tratados pelos DBs, parecem não satisfazer as necessidades específicas desse público. Outros autores, interessados na lexicografia pedagógica, já chamaram a atenção para essa problemática, tais como Longo (2000, *apud* WELKER, 2005, p. 203), que propõe uma definição na língua materna dos usuários antes dos equivalentes em um dicionário bilingüe para aprendizes, e Duran e Xatará (2006, p. 62), para quem “a padronização de tratamento das unidades lexicais nem sempre é uma boa alternativa sob o ponto de vista pedagógico”.

Esses dados colhidos a partir do questionário nos dão, como dissemos, algumas pistas a respeito do uso do DB em aulas de Francês Instrumental, revelando o que parece funcionar bem e o que está em defasagem com as necessidades desse leitor específico.

18 O que informa, por sua vez, que o problema não é somente de macroestrutura, de abrangência lexical, como se pensa normalmente quanto à problemática da recepção de textos, mas de microestrutura também, ou seja, de tratamento da informação.

4. Considerações finais

Além de uma provável exploração ainda ineficiente por parte dos usuários, parece haver algumas lacunas entre a reflexão lexicográfica, sua prática e o uso do dicionário em sala de aula. Ou seja, se o dicionário é um instrumento onde podemos encontrar respostas a uma demanda particular de informação, isso não é exatamente o que acontece, seja pela falta de um instrumento adequado ao objetivo visado, seja pela falta de orientação em relação à variedade de obras existentes no mercado e mesmo a seu manuseio.

Assim, percebe-se um público que cresce já há algum tempo, como é o caso da disciplina de Francês Instrumental, tendo de se contentar com obras destinadas a um outro perfil de usuário, servindo-o, desse modo, parcialmente. O avanço trazido pelos estudos do léxico e seu tratamento lexicográfico deveria surtir efeito mais imediato na produção de DBs cada vez mais específicos, com público e função bem definidos, e não seguir uma exigência mercadológica do "mil e uma utilidades".

Nesse sentido, alguns apontamentos podem ser feitos considerando-se as necessidades do estudante que inicia o estudo da língua estrangeira pelo Instrumental, tais como: obras monodirecionais abriam mais espaço para uma apresentação diferenciada do léxico – optando-se pela homonímia, por exemplo – e um tratamento mais eficiente dos verbetes sem que o DB, em geral em formato pequeno, aumentasse de tamanho, mantendo sua praticidade e custo; formas irregulares poderiam vir lematizadas igualmente, como já vemos no Larousse; expressões e locuções devem ser especialmente contempladas, nesse caso devendo haver uma pesquisa mais aprofundada acerca da maneira mais adequada e funcional para a apresentação desse tipo de informação; e, por fim, ressaltaríamos a importância de um tratamento específico para cada categoria de palavras, em que chamamos atenção sobretudo para aquelas que funcionam como articuladores discursivos, cuja compreensão é fundamental para uma boa proficiência na leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAR EZQUERRA, Manuel. Los diccionarios bilingües: su contenido. *Linguística española actual*, v. 3, n. 1, p. 175-196, 1981.
- CARVALHO, Orlene L. de S. *Lexicografia bilingüe português/alemão: teoria e aplicação à categoria das preposições*. Brasília: Thesaurus, 2001.
- DURAN, Magali S.; XATARA, Claudia M. A metalexicografia pedagógica. *Cadernos de Tradução* (Florianópolis), v. 18, 2006. Disponível em: <www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos18/magali_xatara.pdf>. Acesso em: 10/05/2007.
- LARA, Luis F. *Teoría del diccionario monolingüe*. México: El Colegio Del México, 1996.
- WELKER, Herbert A. *Dicionários. Uma pequena introdução à lexicografia*. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2005.
- _____. Pesquisando o uso de dicionários. *Linguagem e Ensino*, v.9, n.2, p.223-243, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://nle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v9n2/09Welker.pdf>>. Acesso em: 05/09/2007.